

Magali Regina Biffi

AGATHA CHRISTIE

CLARICE LISPECTOR

MARIO QUINTANA

EDGAR ALLAN POE

RACHEL DE QUEIROZ

Literaturando a Vida

ERICO VERÍSSIMO

MARY SHELLEY

ISABEL ALLENDE

SIMÕES LOPES NETO

FRIDA KAHLO

CORA CORALINA

1ª EDIÇÃO

Magali Regina Biffi

Literaturando a Vida

**Memória e ressignificação de vida na velhice em
essências biográficas.**

Orientadora: Pra Dra Lúcia regina Lucas da Rosa

Coorientadora: Pra Dra Tamara C. Karawejczyk Telles

1º Edição

Canoas - RS

La Salle

2022

O medo de envelhecer é inevitável,
temos que aceitar isso, mas não podemos
permitir que nos paralise.

Isabel Allende

Dedico as páginas deste livro, em primeiro lugar a Deus, autor da minha vida. Aos idosos da UNATI, cada um deles, que embarcaram comigo nessa experiência incrível de contar histórias. À minha mãe, Dalme, minha “vêia”, que acreditou em mim. À minha única filha, Rafaela, é de ti que tiro força. À Luciani Olsieski pela editoração deste livro. E à minha orientadora, Lúcia Rosa, que me ajudou a trilhar esse caminho e me segurou no alto. Gratidão a todos. Mesmo em meio a tantas lutas durante estes dois anos de pandemia, o meu sonho se realizou.

Prefácio

Este livro reúne muitas forças que se integram de forma solidária para um olhar atento aos idosos e descreve atividades realizadas pela Magali Regina Biffi em seu trabalho pedagógico realizado na UNATI – Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade La Salle no decorrer do curso de Letras. Além disso, essa experiência, novamente exitosa, transforma-se neste produto do Mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle.

Assim, este livro se propõe a refletir sobre a vida e a nos colocar em confronto com nosso eu interior, nesse ensaio chamado vida, cheios de nós em nós... A vida nos faz desatar esses nós e criar laços e passos. E nas marcas de nossos passos, das passadas pela vida deixam novas marcas feitas por nós e pelos outros, pelos laços atados, pelo existir e vivenciar. E assim, o sonho de todos nós é chegarmos na idade mais avançada, com saúde e bem acompanhados. Na multiplicidade de quem somos nos dispersamos nas estradas e nas vias permeadas de sonhos. Somos quem queremos ser porque ousamos não desistir. outras vezes, somos quem não aparentamos ser porque a garra e a vontade não são medidas pelas aparências. Somos um querer inesgotável, uma busca constante e um refazer-se permanente. Nada constantes, provocadores de significados, criadores e cocriadores de muitas nuances. Somos o que conseguimos ser no cotidiano das reinvenções, nas partidas insólitas e nas tarefas móveis de um querer fazer. Somos teimosos na audácia de não saber negar-se ao ostracismo, à parada, mesmo que provisória. Movimento de momentos múltiplos é o que somos e é o que queremos ser... cansados das tarefas comuns e repetitivas, ansiosos por atitudes marcadas pela paixão que incendeia ideias e emoções, pela palavra que nos move, pelo ímpeto que reinicia todos os dias e pelo ímã da consistência e da profundidade. Não somos rasos... somos o fundo do poço, buscamos a última gota para transformá-la em oceano. Na força de vontade e no brilho do olho de quem pisca incessantemente para reacender a cada passo, pela ação do impulso, na reação criativa e nos galhos quebrados para renascermos mais fortes. Somos capazes

de transcender às cinzas do que já passou e criar vontades mais fecundas para sempre prosseguir.

Na sabedoria da velhice, somos bárbaros invencíveis, reconstruídos pelo olhar da vida que se renova na fé e na memória sempre renovada e marcada pelos passos, pela continuidade desigual da vida que pulsa rotineiramente. Enaltecer os idosos é manter as raízes, a ancestralidade e as aprendizagens em processo constante de maturação.

Que este livro seja leitura para alimentar a fonte de quem valoriza e revitaliza a idade... a idade que se tem e a que se vai ter: é no jogo da perspectiva que nos lançamos diariamente a fim de sermos felizes e realizados com o já vivido – como fonte do vir a ser.

Boa leitura!

Boas aprendizagens!

Prof. Lúcia Regina Lucas da Rosa

Sumário

Introdução	11
Agatha Christie	16
Clarice Lispector	21
Cora Coralina	25
Edgar Allan Poe	30
Erico Veríssimo	33
Frida Kahlo	38
Isabel Allende	42
Mario Quintana	49
Mary Shelley	53
Rachel de Queiroz	59
Simões Lopes Neto	64
Sobre as Oficinas	69
Referências	70

Introdução

Este livro é produto de um projeto de mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, na linha de pesquisa Memória e Linguagens Culturais e nele estão as aulas de uma oficina da UNATI, Universidade Aberta da Terceira Idade, intitulada *Literaturando a Vida*, realizada em 2018 e 2019. Nas oficinas foram trabalhadas biografias de autores da literatura e da arte como ressignificação de vida. Em 2020, já havíamos dado início às inscrições e estávamos muito animados com mais um ano de aulas, mas antes mesmo de as aulas começarem, fomos obrigados a parar tudo por causa da grande epidemia do COVID-19.

Essa pandemia de COVID-19 nos colocou em uma situação de estresse. Tivemos que parar as nossas atividades, não só na UNATI, mas em todas as áreas da nossa vida. Tivemos que nos isolar até mesmo dos nossos familiares, o que gerou medo e ansiedade. Afinal os alunos da UNATI são terceira idade e, portanto, grupo de risco.

De repente, perceber que não pode mais sair para passear, visitar os filhos, frequentar as aulas com os amigos de sempre e não ter certeza quanto ao fim da pandemia, são situações que aumentam ainda mais o medo e a insegurança. Nós mantivemos um grupo no WhatsApp para conversarmos e nos mantermos próximos, mesmo a distância e driblarmos a saudade das aulas.

Antes de prosseguir, definiremos o que é ser velho. Ser velho não é chegar ao fim, não é ficar sem alternativas. Velho é a pessoa que perdeu a capacidade de sonhar e a vontade de aprender. Velho é quem desiste da vida por não ter mais objetivos. Os anos de vida, as rugas, os cabelos brancos não nos definem como velhos. Existem velhos de 20 anos e jovens de 60. A vontade de continuar sendo útil, de partilhar conhecimentos e falar sobre as memórias que nos trouxeram até aqui é o que nos classifica como jovens.

Segundo Ecléa Bosi, livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (1987), a função social do velho é lembrar e aconselhar, mantendo viva a história das famílias e

da sociedade. Precisamos trabalhar pela sobrevivência do passado. A lembrança é construída pelas histórias que são revividas. A arte de contar histórias está na arte de trocar experiências.

A resignificação de vida na velhice acontece através do estudo de biografias e frases de autores. O projeto nasceu do meu amor por biografias e está em prática nas oficinas realizadas na UNATI. É importante para os idosos relatarem suas memórias, escutarem as histórias uns dos outros. As biografias são apresentadas como memórias paralelas para promover a identificação do idoso com a história de vida dos autores. Essas biografias mostram que qualquer memória tem um significado em relação ao tempo, podendo ser modificada na atualidade com a possibilidade de deixar de ser um constrangimento, dando-lhes um novo significado.

As biografias dos autores suscitam muitas lembranças e trazem com elas muitas histórias. No momento em que começamos a estudar uma biografia, as lembranças individuais começam a brotar e elas são mútuas. Mais intensas para uns e menos intensas para outros, isso é verdade, mas são comuns em muitos pontos e trazem uma troca espetacular de ideias que acende muitas lembranças.

Esse processo de Biografia como resignificação de vida me ocorreu quando eu era muito nova e mal sabia eu que isso me acompanharia por toda vida e que hoje seria palco de uma oficina. Em 1979 morreu John Wayne e a notícia da morte dele divulgava sua trajetória e juntamente com ela uma frase: *“Quando eu morrer, podem jogar meu corpo ao mar, pois o que sobrar já não serei mais eu.”* Todos nós sabemos que nosso corpo apodrecerá. Mas aquela frase dita de uma maneira tão contundente, tão poética tornou esse processo tão bonito. Eu não sou o meu corpo, ele é só uma casca, que quando nossa alma for para a eternidade, não terá mais serventia para nós. Naquele momento, nascia dentro de mim um desejo de conhecer a biografia e as frases de todos os autores e artistas que eu admirava. Sempre quando leio um livro ou vejo uma obra de arte, gosto de ler a história de vida do autor ou da autora.

Foi estudando sobre memória e biografias que me interessei por utilizar essas biografias como resignificação de vida. Deroni Sabbi (2019) Doutor em Psicologia, define Resignificação como um método que permite às pessoas uma nova significação aos acontecimentos de suas vidas através de uma nova visão de mundo.

Às vezes, temos vergonha de falar sobre nosso passado, infância, adolescência, porque envolvem traumas que deixam marcas por toda uma vida. Ainda mais considerando-se pessoas que foram tão oprimidas, principalmente, as mulheres. Ao

participarmos de um grupo em que o foco é justamente falar e escutar o nosso passado para que haja uma troca, nós podemos descobrir que não somos os únicos a nos angustiarmos por esses sentimentos e percebemos que eles são comuns a outras pessoas. Essa troca traz conforto e fortalecimento, formando um vínculo de amizade e fortalecendo até mesmo os vínculos familiares.

Os textos biográficos mostraram que qualquer memória tem um significado em relação ao tempo, podendo ser modificada na atualidade com a possibilidade de deixar de ser um constrangimento, dando-lhe um novo significado. É importante para os idosos relatarem as suas memórias, escutarem as histórias uns dos outros, mas havia sempre, um certo constrangimento para iniciarem os relatos de vida. As biografias são apresentadas como memórias paralelas para promover a identificação do idoso com a história de vida dos autores. As biografias dos autores suscitam muitas lembranças e trazem com elas muitas histórias...

É preciso escutar uma história para atuar como gatilho de memória.

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida.(BERGSON, 1999, P. 179)

Tão logo começamos a falar, começam a suscitar lembranças e há uma troca de informações, uma ressignificação. Podemos assim aguçar as memórias através das Biografias.

A seguir os teóricos que embasam este projeto:

Maurice Halbwachs foi quem criou o termo “memória coletiva”, este conceito postula que as recordações não podem ser efetivamente analisadas se não forem levados em consideração os contextos sociais em que essas recordações estão inseridas, para reconstrução da memória. Com Halbwachs a memória deixa de ser apenas individual, pois, a partir de seus estudos, as memórias de uma pessoa não são unicamente dela, porque nenhuma lembrança pode existir, senão, a partir de um grupo social. Para o

autor, o indivíduo que lembra está inserido na sociedade a que pertence, a memória é, portanto, construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2003, p. 26),

Joel Candau complementa “Não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns”. (CANDAU, 2013, p. 48). Fazendo uso da história de vida de autores e usando suas interjeições sobre a vida, estaremos revivendo a nossa própria história e nos apropriando das lutas e conquistas uns dos outros.

Consideramos aqui como história a definição de Aleida Assmann (2011, p. 69) na qual considera que “história’ não significa aqui o que normalmente compreendemos, ou seja, o estudo acadêmico do passado sob a divisão de trabalho em disciplinas específicas, mas sim uma consciência coletiva que se manteve viva ou foi revivificada, um ‘passado recordado”. A nossa história!

Quanto ao tema do passado, para o velho, ocorre a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, ele investiga, pesquisa, confronta esse tesouro do qual é guardião. (BOSI, 1987, p. XX). Ainda segundo Bosi (1987), além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente. Cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. Nas sociedades mais estáveis, um octogenário pode começar uma obra e seu filho dará continuidade.

A velhice é um fator natural, como a cor da pele, mas é tomada pre-conceitualmente pelo outro. Há crises de transição durante a vida, na adolescência nossa imagem também se quebra, mas é apenas um período de transição, não um declínio. O velho se sente um ser diminuído que luta para continuar sendo homem. “Nos cuidados com a criança o adulto investe para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má fé” (BOSI, 1987, p. 36).

A função social do velho é lembrar e aconselhar, unindo o começo e o fim, ligando o que foi e o que há de vir, mas a sociedade impede a lembrança. [...]Que é ser velho? Na nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. É viver sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva. A velhice que não existe para si, mas somente para o outro. (BOSI, 1987, p. XVIII)

Diante de tamanha grandiosidade na figura dos velhos, é preciso ouvi-los, deixar que falem, que relatem suas histórias com mais intensidade. “Somente então somos capazes de entender o alcance da pergunta: Por que decaiu a arte de contar histórias? E o significado da resposta: talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências” (BOSI, 1987, p. XVII)

Atividades desenvolvidas na UNATI

A UNATI possui oficinas diversificadas para escolha dos alunos: Inglês, Espanhol, Inclusão digital, Educação física com exercícios moderados, alongamento e adaptação aquática, dentre outras.

As aulas das oficinas são semanais, no caso da Oficina em estudo, durante duas horas seguidas, nós nos sentamos para estudar uma biografia e conversar. Na oficina *Literaturando a Vida*, Powerpoint (Slides) e texto impresso com a Biografia são confeccionados especificamente para o aluno da UNATI. Eles acompanham a aula e fazem anotações, questionam, ponderam e trocam ideias. A partir dos comentários e observações feitas pelos alunos e pela professora, as aulas vão dando espaço para histórias individuais e coletivas.

É importante salientar que diante de um crescente número de idosos, é preciso pensar cada vez mais na construção de um mundo que dê continuidade à vida deles na sociedade e na família, respeitando a dificuldade e a capacidade de cada um. As oficinas procuram desenvolver autonomia e gerar independência, tanto individual quanto socialmente.

Precisamos gerar nos alunos a crença de haver igualdade, de que todos nascemos com a mesma capacidade. Nem sempre temos a mesma oportunidade e se em algum momento somos impedidos de realizar algum objetivo, não é motivo para desistir. A seguir, serão apresentados alguns textos e atividades desenvolvidas nas Oficinas.

Agatha Christie

Disponível em: https://www.ebiografia.com/agatha_christie



Foto: <https://booksplease.org/2010/09/22/dame-agatha-christie-an-a-z/>

Agatha Mary Clarissa Miller, conhecida como Agatha Christie, nasceu em Torquay, condado de Devonshiri, Inglaterra, no dia 15 de setembro de 1890. Foi uma escritora inglesa. “Hercule Poirot” é um detetive belga que aparece em 33 obras da autora. Em 1917, atuando como enfermeira na Inglaterra, aceitou um desafio da irmã, Madge, de escrever uma história policial em que o leitor não pudesse descobrir a identidade do assassino antes do final da trama. Agatha escreveu seu primeiro livro, *O Misterioso Caso de Styles*. A trama se passa numa severa mansão inglesa – Styles – cuja proprietária é encontrada morta em seu leito, vítima de envenenamento.

De família rica, Agatha estudou em casa com diversos professores particulares. Aprendeu piano e canto. Com oito anos iniciou sua educação formal. Passava a maior

parte do tempo escrevendo poemas e contos. Em 1914, casou-se com o piloto inglês, do Corpo Real de Aviadores, de quem adota o sobrenome. Quando começou a Primeira Guerra Mundial, Agatha alistou-se, como voluntária, no Exército da Cruz Vermelha. Em seus livros, surge o detetive “Hercule Poirot”, o pequeno e elegante detetive belga, de chapéu coco e bigode militar, que se tornou um dos nomes mais célebres dentro da ficção policial.

Hercule Poirot foi protagonista de uma série de livros, mas foi em 1926 que ela conseguiu chamar a atenção do público com o livro, *Assassinato de Roger Ackroyd*, pois, algum tempo depois do lançamento ela desapareceu misteriosamente. Agatha desapareceu depois que seu marido revelou que queria se separar. Ela só foi encontrada depois de 11 dias.

Em 1930, já divorciada e romancista de sucesso, casou-se com o arqueólogo Max Mallowan e com ele viajou pelo Oriente, onde se inspirou para escrever vários livros, entre eles *Assassinato no Expresso do Oriente* (1934), *Morte no Nilo* (1937). *O Assassinato no Expresso do Oriente* foi um dos seus livros mais famosos, foi adaptado para o cinema, teatro e televisão, com destaque para a versão de 1974, que deu a Ingrid Bergman o Oscar de melhor atriz coadjuvante. Agatha Christie faleceu em Wallingford, Inglaterra, de pneumonia, no dia 12 de janeiro de 1976.



Foto: <https://bitlybr.com/QRGMe>

Os participantes da UNATI cresceram ouvindo notícias sobre Agatha Christie nas principais revistas, lendo seus livros e assistindo seus filmes. Eu me lembro de assistir *O Assassinato no Expresso Oriente* com meus pais, em casa em meados de 1970.

Mencionamos o fato de Agatha estudar em casa, as mulheres não iam à escola. Quem tinha mais condições contratava professores para aula particular em casa. As menos afortunadas eram ensinadas por um membro da família.

Em uma das aulas, assistimos a um trailer de *Assassinato no Expresso Oriente*, comentamos sobre o filme e relembramos grandes atores, sempre inesquecíveis, Ingrid

Bergman, Loren Bacall, Sean Connery...

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjSN6hmg2UY>

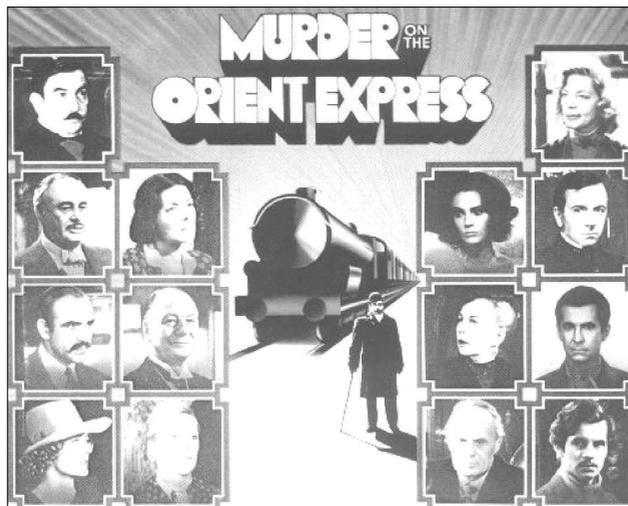


Foto: <https://bitlybr.com/D6TH4k>

Frases de Agatha Christie e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

O arqueólogo é o melhor marido que uma mulher pode ter; quanto mais velha ela fica, mais interesse ele tem por ela.

A turma gostou muito dessa frase. Agatha casou-se com um arqueólogo e fez um trocadilho, talvez por se sentir muito amada por ele. Lembramos que ela foi trocada por uma mulher mais nova. Hoje em dia os homens se casam com mulheres muito mais novas, as mais velhas não têm tido chance, então seria uma boa opção.

“Gosto de viver. Algumas vezes me sinto muito desesperadamente, loucamente miserável, atormentada pela aflição, mas mesmo diante disso tudo eu compreendo que estar viva é uma coisa grandiosa.”

Muitas pessoas comentaram que já passaram por momentos muito difíceis, mas nunca pensaram em desistir da vida. É preciso ter objetivos, motivos para continuar vivendo.

“A essência da vida é andar para a frente, sem a possibilidade de fazer ou intentar marcha ré, na realidade, a vida é uma rua de sentido único.”

Não podemos viver olhando para trás, por mais que tenhamos deixado algo ou alguém no passado, precisamos continuar andando para a frente. Comentei com os alunos que um dia assisti uma entrevista com o ator Andy Garcia e ele mencionou que o pai dele ensinou a nunca retroceder, nem para ganhar impulso. Achei muito interessante esse comentário. Os atletas têm esse hábito, principalmente para saltar, retrocedem um pouco para ganhar impulso, mas na vida não podemos fazer isso. Sempre em frente!

“O amor de mãe por seu filho é diferente de qualquer outra coisa no mundo. Ele não obedece lei ou piedade, ele ousa todas as coisas e extermina sem remorso tudo o que ficar em seu caminho.”

Verdade, uma mãe faz qualquer loucura por um filho. Não tem medo de nada. Lembramos de quantos medos nós tínhamos antes de ter nossos filhos e como fomos impelidas a superar cada um deles para poder nos mostrarmos fortes para eles. Uma das meninas contou que o ex-marido da neta, a quem ela criou como filha, estava ameaçando a moça e ela disse que se sentia impelida a fazer uma loucura se ele não a deixasse em paz.

“É curioso, mas só quando você vê as pessoas fazerem o ridículo, você percebe o quanto as ama...”

Comentamos e rimos muito da veracidade dessa frase. Quantas vezes vivenciamos fatos hilários e só permanecemos com a pessoa porque realmente a amamos, de outra maneira não ficaríamos por perto. Até nós mesmos, quanta coisa ridícula nós já fizemos e soubemos que somos amados porque as pessoas nunca nos deixaram sozinhos.

Quais pessoas fazem o ridículo e mesmo assim você ama? Ou quais pessoas amam você apesar de você fazer o ridículo? Mas afinal o que é ridículo? Isso muda de pessoa para pessoa? O que é ridículo para você pode não ser ridículo para outra pessoa. São coisas que você não aceita nos outros, mas aceita nas pessoas que você ama.

Aluna A - Esta escritora Inglesa é uma feminista inspiradora, aventureira, destemida, forte, independente que quebrava os padrões da época abrindo o caminho para as mulheres se apoderarem dos seus direitos.

Você lembra de Agatha Christie? Leu algum livro? Assistiu algum filme? Lembra dos atores?

Clarice Lispector

Disponível em: https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/



Foto: <https://www.todamateria.com.br/vida-e-obra-de-clarice-lispector/>

Clarice Lispector nasceu na aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Veio com os pais para o Brasil fugindo de seu país diante da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa. A família era de origem judaica. Ao chegarem ao Brasil, fixaram residência em Macció, Alagoas, onde morava Zaina, irmã da mãe dela. Clarice tinha apenas dois meses de idade. Por iniciativa de seu pai, todos mudaram o nome. Nascida Haya Pinkhasovna Lispector, passou a se chamar Clarice.

Depois, a família mudou para Recife, onde Clarice passou a infância no Bairro da Boa Vista. Aprendeu a ler e escrever muito nova e logo começou a escrever pequenos contos. Com 12 anos, Clarice mudou com a família para o Rio de Janeiro, indo morar no Bairro da Tijuca. Ingressou no Colégio Sílvio Leite, onde terminou o ginásial. Era frequentadora assídua da biblioteca.

Em 1941, Clarice ingressou na Faculdade Nacional de Direito, e empregou-se como redatora da *Agência Nacional*. Depois passou para o jornal *A Noite*. Em 1943 casou-se com o amigo de turma Maury Gurgel Valente. Em 1944 formou-se em Direito. Publicou o primeiro conto aos 19 anos, mas seu primeiro livro, *Perto do Coração*

Selvagem, só foi publicado quando Clarice já tinha 24 anos. Quando foi lançado na França, a capa de *Perto do Coração Selvagem* foi ilustrada por Henri Matisse.

Tinha o costume de escrever sempre pela manhã. Também trabalhou como jornalista e tradutora, adaptando obras de autores como Ágatha Christie, Oscar Wilde e Edgar Allan Poe.

Feriu-se com gravidade ao tentar apagar um incêndio em seu quarto; ela dormiu e deixou um cigarro aceso. Participou da I Conferência Mundial das Bruxas, na Colômbia, como convidada. Desconcertada e sem saber muito o que palestrar num congresso de bruxas, leu o conto *O ovo e a galinha*. Foi muito aplaudida.

A Hora da Estrela foi escrito à mão em vários papéis picados. O texto foi organizado pela datilógrafa de Clarice, Olga Borelli. Clarice foi internada logo depois do lançamento da obra, por causa de câncer no ovário e faleceu no dia 9 de dezembro de 1977, um dia antes de completar 57 anos e menos de dois meses depois de lançar um dos seus livros mais famosos.

Conheça Clarice Lispector

Abaixo o link de um trecho da única entrevista de Clarice, foi gravada dois meses antes da morte dela com a promessa de que só iria ao ar após sua morte.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NkPZkEjGncc>

Frases de Clarice Lispector e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir.
Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos.
Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.”

Na época de Clarice, as mulheres, principalmente, não faziam o que elas queriam, nem ao menos tinham uma profissão. Na vida nós precisamos de felicidade, mas precisamos de dificuldades, de tristeza e esperança. Esses são sentimentos necessários para ser um bom ser humano, pois para não ter amargura, é preciso ser feliz. As dificuldades nos tornam fortes. A tristeza faz com que nos compadeçamos dos outros. A esperança nos faz seguir em frente.

Mas muitas pessoas passam por dificuldades e ficam amargas, se tornam infelizes, não se compadecem dos outros e não têm esperança de dias melhores. Precisamos aprender com as dificuldades, de outra maneira ficamos estacionados no mesmo lugar pra sempre.

“Que minha solidão me sirva de companhia. Que tenha a coragem de me enfrentar. Que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo.”

Na velhice, estar sozinho é muito comum. Filhos se casam, saem de casa. Não podemos viver esperando pelos outros. Temos que criar as nossas circunstâncias e saber viver a vida. É bom falar sobre isso e aproveitar a ideia de ter a solidão como companhia, no sentido de aprender a conviver com ela. Coragem para enfrentar os medos e sentir-se plena de si.

“Ando de um lado para outro, dentro de mim.”

É isso que fazemos quando nos sentamos, começamos a pensar o que vamos fazer para resolver os nossos problemas. Onde iremos primeiro. Com quem falaremos primeiro. Se vamos hoje, amanhã.... É bom poder explicar aquilo que sentimos.

“Eu sempre serei eu mesma, mas nunca serei a mesma.”

Nós não vamos dormir da mesma maneira que acordamos. Embora estejamos em constantes mudanças, nunca vamos deixar de sermos nós mesmos.

“Há dias que vivo de raiva de viver. Porque a raiva me envivece toda: nunca me senti tão alerta.”

Quantas vezes nós fazemos as coisas só de raiva. Só para mostrar para quem torce pela nossa derrota que continuamos lutando.

Cora Coralina (1889-1985)

Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/

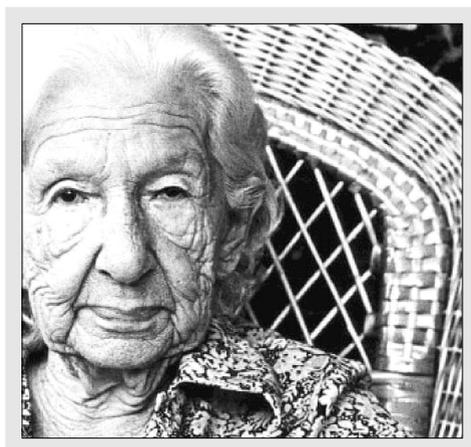


Foto: <https://bitlybr.com/VL3b9>

Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida como Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás, no Estado de Goiás, no dia 20 de agosto de 1889. Poetisa e contista brasileira. Publicou seu primeiro livro quando tinha 75 anos e tornou-se uma das vozes femininas mais relevantes da literatura nacional.

Filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão. Coursou apenas até a terceira série do curso primário. Cora Coralina começou a escrever poemas e contos quando tinha 14 anos, chegando a publicá-los, em 1908, no jornal de poemas *A Rosa*, criado com algumas amigas.

Em 1911, fugiu com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, indo morar em Avaré, no interior de São Paulo. Em 1922, Cora Coralina foi convidada para participar da Semana de Arte Moderna, mas foi impedida pelo marido.

Cora Coralina morreu aos 95 anos deixando exemplo de força e sendo inspiração para as que ficam. A poetisa que escreveu sobre o tempo em que viveu e sobre o futuro, destacando a realidade das mulheres dos anos de 1900 é o principal nome da cidade de Goiás. Em 2002, a cidade de Goiás com sua paisagem urbana predominantemente marcada pela arquitetura dos séculos 18 e 19, recebeu o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, dado pela Unesco. A casa onde morou a poetisa Cora Coralina é hoje o museu da escritora.



Foto: <https://curtacidadedeagoias.com.br/museu-casa-de-cora-coralina>



Foto: <https://curtacidadedeagoias.com.br/museu-casa-de-cora-coralina>

Meu Destino

(poesia de Cora Coralina)

*Nas palmas de tuas mãos
leio as linhas da minha vida.
Linhas cruzadas, sinuosas,*

*interferindo no teu destino.
 Não te procurei, não me procurastes –
 íamos sozinhos por estradas diferentes
 indiferentes, cruzamos,
 passavas com o fardo da vida
 Corri ao teu encontro.
 Sorri. Falamos.
 Esse dia foi marcado
 com a pedra branca da cabeça de um peixe.
 E, desde então, caminhamos
 juntos pela vida*

Por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina se tornou conhecida. Cora Coralina remeteu alguns exemplares para diversos escritores, entre eles, Carlos Drummond de Andrade, com quem trocou, durante anos, correspondências. Foi por intermédio do poeta que a poesia de Cora Coralina ganhou projeção nacional; Aninha deixou de ser apenas uma doceira do interior do Brasil e tornou-se uma importante voz literária.

"Minha querida amiga Cora Coralina: Seu 'Vintém de Cobre' é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...)"



* Carlos Drummond de Andrade sobre Cora Coralina

Frases de Cora Coralina e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Ensinar também é ouvir. Quando transferimos o que sabemos, temos uma troca, então aprendemos o que ensinamos, porque temos agora o ponto de vista de outra pessoa a respeito do assunto.

“Quis ser um dia, jardineira de um coração. Cavei, plantei. Na terra ingrata nada criei.”

O ser humano nem sempre nos retribui na mesma medida. Muitas vezes vivemos anos com uma pessoa, casamento, amizade... e não conseguimos colher o que plantamos. Mas será que é possível plantar, semear um coração?

“Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos.”

Temos que dar tempo ao tempo e ser otimistas. Aprender a recomeçar todos os dias. Nunca desistir. Se chegamos até aqui, vale a pena continuar. Às vezes a derrota somente fecha uma porta que não era pra nós. Temos que sempre pensar no melhor, no lado bom.

“Nasci em tempos rudes. Aceitei contradições, lutas e pedras como lições de vida e delas me sirvo. Aprendi a viver.”

Aprendizagem é um processo. Quem não aprende a aceitar as adversidades da vida e tirar delas lições, não cresce. Permanece em uma eterna estagnação.

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

Há coisas que não dependem de nós, (se chove e eu não levei guarda-chuva, se o pneu do carro fura) se ficarmos brabos não vai mudar em nada a situação. Ser feliz é uma decisão.

“Embora não possamos acrescentar dias à nossa vida, podemos acrescentar vida aos nossos dias.”

Não devemos deixar de aproveitar a vida por medo. Não sabemos quantos anos vamos viver, mas se vivermos com intensidade vale muito mais. Estar vivo é diferente de viver.

“Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.”

Para escalar é preciso continuar, é preciso subir. Para remover pedras é preciso força e determinação. Para plantar flores é preciso felicidade e vontade de deixar às pessoas um mundo melhor.

Edgar Allan Poe

Disponível em: https://www.ebiografia.com/edgar_allan_poe/

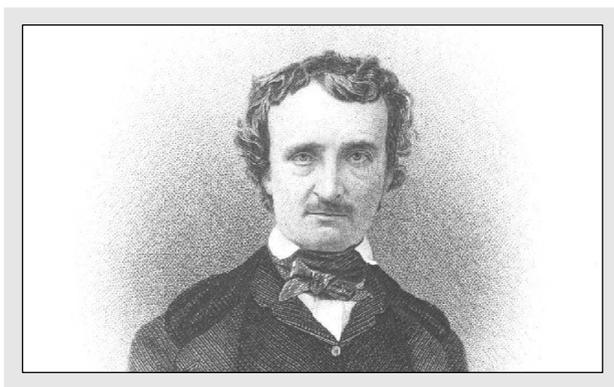


Foto: <https://bitlybr.com/gC5eD6>

Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um poeta, escritor, crítico literário e editor norte-americano. Autor do famoso poema *O Corvo*. Escreveu contos sobre mistério, inaugurando um novo gênero e estilo na literatura. Edgar Allan Poe nasceu em Boston, nos Estados Unidos, no dia 19 de janeiro de 1809. Filho de atores ambulantes; quando tinha um ano, o pai deixou a casa e, no ano seguinte a mãe faleceu. Com dois anos foi adotado por um rico comerciante escocês. Fez seus primeiros estudos em Glasgow, na Escócia, e em um internato em Londres, onde a família se estabeleceu.

Em 1820, já estava de volta aos Estados Unidos onde continuou os estudos em uma escola de Richmond, Virgínia. Em 1823 escreveu seus primeiros poemas. Em 1826, ingressou na Universidade de Virgínia. Nessa época envolveu-se com o jogo e o álcool. Tinha uma relação conflituosa com o pai adotivo. Em 1829, foi viver com sua tia e uma prima. Em 1830, Allan Poe ingressou na Academia Militar de West Point. Depois de oito meses foi expulso por indisciplina.

Em 1835, casou-se com uma prima de apenas 13 anos. Seu problema com a

bebida se agravou, sendo despedido do emprego. Mudou-se para Nova Iorque, trabalhou em alguns periódicos e escreveu suas obras. Em 1847 a esposa morreu, agravando ainda mais o vício com o álcool. Em 1849, após viajar de Richmond para Baltimore, perdeu-se pelas ruas, sendo encontrado bêbado, delirando em uma taberna e levado para um hospital onde passou seus últimos dias. Edgar Allan Poe morreu em Baltimore, Maryland, Estados Unidos, no dia 7 de outubro de 1849.

Características da Obra de Edgar Allan Poe:

Allan Poe deixou poemas, contos, romances com temas de mistério e de horror. Muitas de suas obras exploram a temática do sofrimento causado pela morte. O poeta acreditava que nada seria mais romântico que um poema sobre a morte de uma mulher bonita.

É considerado o criador do conto policial, os poemas dele mergulham na tristeza e as narrativas em temas de morte, que refletiam os tormentos do autor. Sua primeira novela policial foi *Assassinatos na Rua Morgue* (1841). Suas obras foram um marco para a literatura norte-americana contemporânea e terror.

Assistimos uma parte do filme *O Corvo* com John Cusack

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Fv0xMuex14>

O filme mescla fatos da conturbada vida do poeta com o enredo de alguns contos

Outras Obras de Edgar Allan Poe

Poema: *O Corvo*

Assistimos à animação, declamação da poesia *O Corvo* no YouTube

O Corvo de Edgar Allan Poe

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6hvpaXPFKs>

Frases de Edgar Allan Poe e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Para se ser feliz até um certo ponto é preciso ter-se sofrido até esse mesmo ponto.”

Muitas pessoas dizem: Nossa, você leva uma vida muito boa... Você emagreceu tanto.... Você é tão inteligente.... Mas não sabem o que passamos para chegar até aqui. Para ter uma boa profissão, é preciso estudar, se especializar. Para ter uma boa casa é preciso construir. Para emagrecer é preciso dieta... Há filhos que herdaram tudo pronto dos pais, na maioria das vezes não dão valor, não são felizes. Não querem pagar o preço. O importante é saber que, qualquer decisão que você tomar, você terá um preço a pagar: fazer dieta é difícil, ser gorda também é difícil. Você tem que escolher qual preço você quer pagar.

“A vida real do ser humano consiste em ser feliz, principalmente por estar sempre na esperança de sê-lo muito em breve.”

As nossas lutas são rumo à conquista da felicidade e nessa esperança somos felizes. Isso é muito real. Acontece com você também? Às vezes nós nos frustramos pela demora em conseguir, mas logo a seguir nos animamos na expectativa de conseguir.

“Convencido eu mesmo, não procuro convencer os demais.”

As mudanças vêm de dentro pra fora, por isso não adianta tentar convencer as outras pessoas. Até porque o que é bom pra mim, pode não ser bom para outras pessoas.

Erico Veríssimo

Disponível em: https://www.ebiografia.com/erico_verissimo/

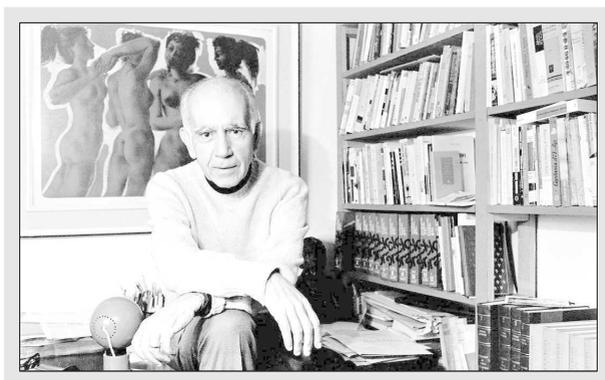


Foto: <https://www.todamateria.com.br/erico-verissimo/>

Erico Lopes Veríssimo nasceu no interior do Rio Grande do Sul, no município de Cruz Alta, no dia 17 de dezembro de 1905. Os pais Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes, provinham de família abastada e tradicional. Contudo, perderam grande parte dos bens, motivo pelo qual Érico começou a trabalhar na juventude para ajudar a família.

Desde cedo já era claro o interesse pela literatura. Leu clássicos brasileiros e estrangeiros. Em 1920, mudou-se para Porto Alegre. A separação de seus pais, em 1922, leva Erico a trabalhar desde cedo como balconista numa seguradora e mais tarde, no Banco Nacional do Comércio.

De volta à cidade natal, torna-se sócio da Pharmácia Central junto com um amigo da família, em 1926. Mas o negócio vai à falência e ele decide voltar a Porto Alegre e viver dos escritos. Em 1931 casou-se com Mafalda Halfen Volpe com quem teve dois filhos: Clarissa e Luís Fernando. Nessa época, chegou a se envolver com escritores renomados, sendo contratado para ocupar o cargo de secretário de redação da

Revista do Globo. Mais tarde, foi promovido diretor da revista e indicado para gerente do departamento editorial da *Livraria do Globo*. Além disso, colaborou nos jornais *Diário de Notícias*, *Correio do Povo* e foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa.



Foto: encurtador.com.br/xyCFY

Essa é a antiga Livraria do Globo na Rua da Praia em Porto Alegre onde Erico Veríssimo foi diretor. Muitos de nós frequentávamos. Era encontro de intelectuais, na parte da frente tinha um café onde muitos deles, incluindo Erico e Mario Quintana, eram vistos conversando. A livraria tinha várias seções. Tinha uma galeria, que ligava as seções, com fotos da história da livraria.

Garanto que você se viu caminhando no interior da livraria ou sentado naquele café conversando ou esperando por alguém. Uma viagem no tempo!

Erico faleceu dia 29 de novembro de 1975, com 69 anos, em Porto Alegre, vítima de infarto.

Erico Veríssimo possui uma vasta obra dentre contos, romances, novelas, ensaios, literatura infanto-juvenil, biografias, autobiografias e traduções. Mas as principais e mais conhecidas que tiveram adaptações para cinema e televisão, são:

Olhai os Lírios do Campo: narra a trajetória de um homem dividido entre o amor e a ambição. *Olhai os lírios do campo* de 1938 tornou-se o primeiro grande sucesso de Erico Veríssimo. E sob a direção de Herval Rossano, foi uma novela apresentada pela tevê Globo, em 1980.

O Tempo e o Vento: Obra épica que apresenta a saga das famílias Terra-Cambará na formação do Rio Grande do Sul. A obra, de grande extensão teve adaptação para cinema e televisão.

Ademais, a trilogia *O Tempo e o Vento* tornou-se uma série televisiva, apresentada pela rede globo em 1985, sob direção de Paulo José.

Assistimos uma parte de um capítulo da série *O Tempo e o Vento*, sobre o Capitão Rodrigo, interpretado pelo ator Tarcísio Meira.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uaaDVTIdDFk>

E o remake com o Tiago Lacerda interpretando o capitão Rodrigo.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxeTIBRv9V8>

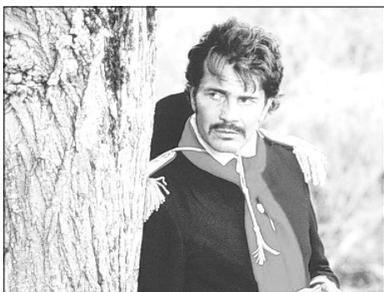


Foto: [encurtador.com.br/jkzFJ](https://www.encyclopedia.com.br/jkzFJ)



Foto: [encurtador.com.br/iE178](https://www.encyclopedia.com.br/iE178)

Todos preferimos o Tarcísio Meira como Capitão Rodrigo. E você, qual é o seu capitão preferido?

Curiosidades

Quando tinha 4 anos, Erico quase morreu pela meningite, agravada por uma broncopneumonia.

Em meados dos anos 30, Erico Veríssimo criou um programa infantil de auditório chamado, *Clube dos três porquinhos*, na Rádio Farroupilha. Entretanto, decidiu encerrar o programa por motivo de censura. Isso porque o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo), exigiu que o escritor submetesse previamente àquele órgão as histórias apresentadas no programa de rádio.

Em uma manhã de outubro de 1930, Erico despediu-se do pai Sebastião, que engajado na Revolução de 1930, resolveu mudar-se para Santa Catarina. Foi a última vez que se viram.

O romance escrito em 1943, *O resto é silêncio* relata o suicídio de uma mulher que se atira do décimo andar. A escolha do tema foi baseada numa história verídica, do qual ele e o irmão Ênio foram testemunhas, enquanto conversavam numa praça em Porto Alegre.

Em 1969, a casa onde viveu em Cruz Alta tornou-se o “Museu Casa de Erico Veríssimo”.

O filho, Luís Fernando Veríssimo, seguiu os passos do pai e tornou-se um importante escritor brasileiro, que se destaca pelas obras de humor como *O Analista de Bagé* (1981) e *Comédias da Vida Privada* (1994).

Frases de Erico Veríssimo e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Todos nós somos um mistério para os outros... e para nós mesmos.”

Quantas vezes temos reações e atitudes que nunca imaginávamos que teríamos. Às vezes passamos dias pensando: como fui fazer aquilo?

“A vida começa todos os dias.”

Cada dia quando abrimos os olhos, quando acordamos é uma nova oportunidade que temos para começar uma nova história.

“Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento.”

Todos temos receio de mudar, pensamos muito antes de decidir realizar qualquer mudança. Mas existem mudanças que independem da nossa vontade. Fatos que nos obrigam a dar uma guinada na vida. Tem uma analogia sobre os peixes novos no aquário. Quando peixes novos são colocados no aquário, uns ficam se debatendo e acabam morrendo, outros simplesmente saem nadando. Estes vivem. Precisamos aprender a nos adequar a novas situações.

“Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar.”

Um aluno disse já ter sido os dois, um dia descobriu que não precisava mais fugir. Todos nós deveríamos experimentar isso. Se você ainda faz parte dos que fogem por algum motivo, está na hora de parar de fugir. Quantas vezes olhamos para trás e vemos que sofremos por coisas que hoje não nos amedrontam mais. Que possamos ter esse sentimento sempre.

Frida Kahlo

Foto: <https://www.ebiografia.com/busca.php?q=frida+khalo>

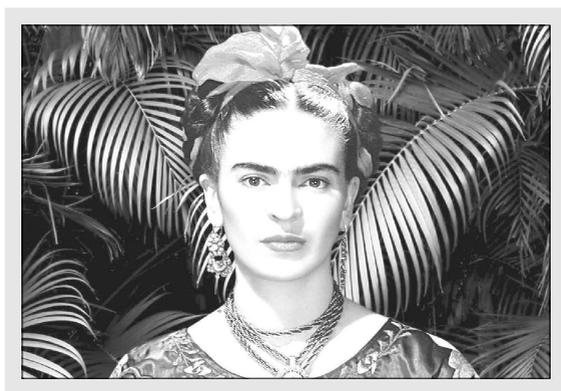


Foto: <https://escolaeducacao.com.br/frida-kahlo/>

A mexicana Frida Kahlo surpreendeu o mundo tanto por meio de sua arte quanto pela forma de enxergar e viver a vida. A vida de Frida foi marcada por adversidades desde o início. Doenças, acidentes, problemas para se encaixar nos padrões femininos da época e relacionamentos conturbados são alguns dos desafios enfrentados por ela.

Filha de pai alemão e mãe espanhola desde pequena teve uma saúde debilitada. Com seis anos contraiu poliomielite que lhe deixou uma seqüela no pé. Com 18 anos, sofreu um grave acidente de ônibus que a deixou um longo período no hospital.

Frida Kahlo lecionou artes na Escola Nacional de Pintura e Escultura, recém-fundada na cidade do México. Foi uma defensora dos direitos das mulheres, tornando-se um símbolo do feminismo.

Na maioria de suas obras, Frida se autorretratou: as angústias, as vivências, os medos e principalmente o amor incondicional que sentia pelo marido, o pintor e muralista mexicano, Diego Rivera, com quem se casou em 1929.

Frida batalhou para se casar com Diego, que era um homem mais velho e sua família, de certa forma, tentou se opor a isso. Os dois viveram de forma intensa um relacionamento difícil de explicar.

Além de uma das mais importantes figuras da arte no século XX, ela foi uma das personagens mais significativas no âmbito político e cultural no México. Frida Kahlo foi uma mulher guerreira, lutadora tanto na vida privada na qual teve que superar grandes traumas, quanto na vida social. Toda sua obra reflete esta realidade, além da pintura, também deixou um diário onde registrou as alegrias e frustrações como o conturbado casamento, sua saúde frágil e a impossibilidade de gerar filhos. Frida morreu em 13 de julho de 1954 em sua cama. “Espero a partida com alegria...e espero nunca mais voltar...” foram as últimas palavras encontradas em seu diário.



Foto: Arquivo Pessoal

Nas aulas sobre Frida Kahlo, eu estava ministrando a aula caracterizada como a pintora e comemos Guaca Mole, prato típico da culinária Mexicana.



Foto: Arquivo Pessoal

Neste dia recebemos a visita de Juçara Gaspar, a atriz que interpreta Frida Kahlo no espetáculo “Frida Kahlo à revolução”.

<https://www.facebook.com/FridaKahloTeatro/>

Aluna A: *Estou muito feliz por ter conhecido hoje a profissional e atriz Juçara Gaspar que faz a Frida Kahlo no teatro. Enorme artista. É uma moça morena, franzina, de cabelos muito longos. Muito sensível. Falou frases de Frida em espanhol, com muita emoção. “A mim me gusta mucho o sotaque mexicano.”*

Aluna B: *A mexicana Frida Kahlo surpreendeu o mundo tanto por meio de sua arte como na forma de enxergar e viver a vida. Foi uma defensora dos direitos das mulheres e tornou-se símbolo de feminismo.*



Foto: Arquivo Pessoal

Frases de Frida Kahlo e comentários feitos por alunos da UNATI em aula

“Pés, para que os quero se eu tenho asas para voar!”

Essa frase foi dita quando os médicos anunciaram que ela teria que amputar um dos pés. É incrível que uma pessoa que passou quase a vida toda sobre cadeira de roda ou cama ainda tenha tanta disposição e seja tão entusiasta. E realmente, ela era fantástica, deixou um legado de obras na casa onde morou no México. Será que nós teríamos essa visão mesmo passando por algo tão ruim?

“Você merece o melhor, o melhor. Porque você é uma das poucas pessoas neste mundo ruim que é honesta consigo mesma, e isso é a única coisa que realmente conta.”

Muitas vezes nós ferimos a nós mesmos para não ferir aos outros. Nós poupamos aos outros quando deveria ser ao contrário. A nossa vida tem que importar muito para nós. Não estamos falando em egoísmo, estamos falando em cuidado.

“Onde não puder amar, não se demore.”

Verdade. Pessoas que não inspiram amor, não são dignas da nossa companhia. Nós temos que nos valorizar. Frida, apesar de ter sido tão golpeada pela vida ou justamente por ter sido, sabia se amar. Precisava se amar. É isso que nos falta a decisão de nos amar para podermos ser amados.

“Se eu pudesse lhe dar alguma coisa na vida, eu lhe daria a capacidade de ver a si mesmo através dos meus olhos. Só então você perceberia como é especial para mim.”

Muitas vezes não conseguimos exprimir o amor que sentimos por alguém. O contrário também é verdadeiro, muitas vezes nós gostaríamos de saber o quanto uma pessoa nos ama. Que bela forma de definir essa vontade de fazer saber o quanto se ama.

“A beleza e a feiura são uma miragem, porque os outros acabam vendo o nosso interior.”

A beleza atrai as pessoas, mas se é vazio por dentro, acabamos não permanecendo com a pessoa. Muitas vezes descobrimos o quanto uma pessoa é bonita por dentro, apesar de não ter beleza externa e ela acaba se tornando linda. Quem ama o feio, bonito lhe parece.

Isabel Allende

Disponível em: https://www.ebiografia.com/isabel_allende/



Foto: <https://encurtador.dev.br/znLFS>

Isabel Allende nasceu em 2 de agosto de 1942, em Lima, no Peru, onde o seu pai diplomata se encontrava em trabalho. No entanto, a sua nacionalidade é chilena, tendo-se tornado cidadã norte-americana em 2003. É filha de Tomás Allende, funcionário diplomático e primo-irmão de Salvador Allende, e de Francisca Llona.

Isabel é considerada uma das principais revelações da literatura latino-americana da década de 1980. Tem a obra marcada pela ditadura no Chile, implantada com o golpe militar que em 1973 derrubou o governo do primo do pai dela, o presidente Salvador Allende (1908-1973).

O livro mais editado foi *A Casa dos Espíritos* (1982) (La casa de los espíritus), que ganhou reconhecimento de público e crítica. A obra resultou num filme *A Casa dos Espíritos* (1993), realizado por Bille August, com Jeremy Irons, Meryl Streep, Winona Ryder e Antonio Banderas, tendo grande parte das rodagens decorrido em Lisboa e no Alentejo, em Portugal.

Em 1995 lançou o livro *Paula*, que escreveu para a filha que estava em coma devido a um ataque de porfíria. Como a autora não sabia se a memória dela voltaria após a saída do coma, Isabel Allende resolveu contar a história para auxiliar a filha a lembrar dos fatos. Paula passou a ser então um retrato autobiográfico.



Foto: encurtador.net/loUZ7

Isabel Allende escreveu o primeiro romance, *A Casa dos Espíritos*, como uma carta para o avô que estava para morrer. E este se tornou um best-seller internacional.

Assistimos uma parte do filme *A Casa dos Espíritos* e conversamos a respeito. Como os nossos antepassados interferem na nossa família, como são lembrados e como é importante a luta e a força deles na nossa geração.

Link do filme

<https://www.youtube.com/watch?v=jmu4bmPy-1U>

Curiosidades sobre Isabel Allende

Ela é a escritora de língua espanhola mais lida no mundo.

Ela sempre começa a escrever seus livros no dia 8 de janeiro.

Seu livro *Paula* é um trabalho autobiográfico em homenagem à sua filha.

Após o rompimento de um casamento de 28 anos, Isabel encontrou um novo amor aos 75.

Frases de Isabel Allende e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Se escrevo alguma coisa, temo que ela aconteça, se amo demais alguma pessoa, tenho medo de perdê-la; no entanto, não posso deixar de escrever... nem de amar.”

Não podemos deixar que as nossas perdas nos paralitem. Temos que continuar

vivendo apesar delas. Temos que racionalizar os sentimentos, às vezes. O vazio precisa ser preenchido para deixar de ser vazio. Já aconteceu com você? Medo de tentar novamente por causa de uma perda anterior?

“Nesse mundo é melhor ser homem que ser mulher, porque até o homem mais miserável tem uma mulher em quem mandar.”

Houve uma época que era realmente assim. Hoje já houve muitas mudanças, mas os homens ainda têm mais mérito que as mulheres. Que bom que conseguimos criar nossos filhos longe desse estigma dominância do homem sobre a mulher.

“As mulheres gostam que lhes digam palavras de amor. O ponto G está nos ouvidos. Inútil procurá-lo em outro lugar.”

Verdade. Uma mulher gosta de ouvir elogios, isso nos envaidece demais. Mas não é qualquer elogio, principalmente quando ficamos mais velhas, pois ficamos mais seletivas.

“Se alguma coisa não é verdade agora, poderá sê-lo no dia de amanhã.”

Isso diz respeito à realização de sonhos. Nós desejamos, perseguimos e concretizamos. E é exatamente isso que nos faz seguir adiante. Objetivos nos mantêm no caminho. Muita luta e ajuda da família.

“Todos temos dentro de nós uma insuspeita reserva de força que emerge quando a vida nos põe à prova.”

Essa frase Isabel Allende escreveu quando perdeu a filha, a menina ficou

internada muito tempo e veio a falecer por porfíria. Sabe aquele ditado: Deus não dá uma carga maior do que a que podemos suportar? Nós só nos damos conta da força que tivemos quando olhamos para trás e vimos o quanto vencemos.

“O medo de envelhecer é inevitável, temos que aceitar isso, mas não posso permitir que nos paralise.”

Temos que partir do princípio de que só não envelhece quem morre. Então, envelhecer é um privilégio que poucos sabem aproveitar. Temos que comemorar cada ano, não importa a idade, nem a nossa aparência. Nos arrumar, olhar no espelho e nos amar. Ser um velho amargo afasta as pessoas de nós.

“Tu és o narrador da tua própria vida e podes criar tua própria história. Ou não?”

Sim! É lógico que sim. Ninguém pode narrar melhor que nós mesmos, pois somos os protagonistas da nossa história. E vamos crescendo com o nosso personagem. Mudando as falas e as atitudes durante o nosso caminhar. Vamos descobrindo novas maneiras de crescer

“Nossos demônios perdem o poder quando os tiramos das profundidades e os olhamos direto nos olhos em plena luz do dia.”

É difícil, muito difícil, mas a melhor maneira de vencer os nossos medos é enfrentando. Mas isso só a maturidade traz. Todos temos um pouco de medo, é normal do ser humano e até nos ajuda a não nos colocarmos em perigo. Mas quando o medo nos paralisa, aí temos que começar a pensar em nos libertar.

Uma das frases de Isabel Allende é sobre não permitir que o medo de envelhecer nos paralise. Envelhecer é uma bênção, poucos são contemplados com uma vida longa.

Além disso, envelhecer exige sabedoria, porque por dentro somos eternamente jovens, mas o corpo vai se degradando.

O tema do envelhecimento provocou muitas reflexões, transcreveremos a seguir parte dessas reflexões por estarem de acordo com os estudos realizados nesse trabalho de mestrado.

Como você encara a velhice?

Aluna A: Ao longo de nossa vida temos uma realidade formada por coisas boas e ruins. De modo geral todos têm ou tiveram suas dificuldades. Os problemas são pessoais, diferenciados. Não vou me ater a falar dos meus. O que importa é como se enfrenta, principalmente os nossos fantasmas. Na minha vida carreguei muitos fantasmas, tais como: ressentimento, pensamentos negativos, preconceitos e outros.

Foi tentando matar esses fantasmas, curando preconceito e aceitando a vida como ela é, que superei e continuo me libertando dos problemas que vão surgindo. Acima de tudo, o que nos liberta dos fantasmas que vivem em nós, é o carinho e o cuidado que temos uns para com os outros. Enfim, é amando que nos libertamos de todos os males, vencendo os obstáculos para construir uma vida mais feliz.

Aluna B: Olhando no espelho, não gosto do que vejo, grisalha, com algumas rugas, sinto saudades da minha beleza, do viço da minha pele, do sorriso bonito, mas cada dia desse tempo muito bem vivido, foi a velhice chegando. Algumas deixaram marcas, mas procuro esquecer, faz parte do “pacote vida”.

A vida foi muito boa comigo. Tive um amor que ainda amo, guardado no meu coração, que tenho certeza está a minha espera: quis filhos e tive dois maravilhosos, tenho quatro netos, três meninos e uma menina. Mas pensando bem, a terceira idade está sendo boa comigo, ainda não uso bengala, vou sozinha ao shopping, tomo banho sozinha, não uso fralda, meu sangue é normal e sem remédio de pressão. Os cabelos brancos ainda são minoria. Que é que eu quero mais? Com todas as perdas que tive, procuro ser feliz à minha maneira. Peço a Deus, saúde até o meu fim.

Aluna C: Envelhecer... Certa vez escutei uma frase: Os velhos somos nós. E agora posso afirmar exatamente o que ouvi. Que bom que chegou esta vez é sinal que estamos vivos. Afirma-se que envelhecer é acumular experimentos, conhecimentos e vivências. Mas no mundo atual é preciso estar sempre em busca de novos conhecimentos.

Em Canoas, graças à UNATI, Universidade Aberta da Terceira Idade, as pessoas com sessenta anos ou mais têm a oportunidade de abrir novos horizontes através das oficinas que são oferecidas. Na verdade, quem envelhece aprendendo, tem mais chance de envelhecer com mais qualidade de vida. Sobretudo é preciso aceitar a velhice com suas dificuldades e limitações. Dar sentido à vida e sermos gratos pelos dias vividos.

Aluna D: A velhice é uma fase da vida que preocupa a todos devido às restrições que nos são impostas. Nosso corpo começa a perder energia e vitalidade, por esse motivo é preciso nos prepararmos emocionalmente para essa etapa da vida. Mas essa etapa pode ser também uma etapa de conhecimentos e descobertas, de entrega e de aproveitar um momento de descanso pelo qual tanto se trabalhou. Manter relacionamentos saudáveis com a família e amigos, é fundamental, assim como cuidar da saúde.

Estou passando por essa fase da vida com muita naturalidade, procuro estar sempre exercitando minha mente e meu corpo através da leitura e atividades físicas. Sou uma pessoa positiva. Gosto de viajar e ir a festas.

Aluna E: Não quero envelhecer, mas me recuso a fingir que não está acontecendo. Meu maior medo no envelhecimento, não é perder a memória, mas sim ficar mal humorada, indiferente, sem amor e apática.

No dia 1 de outubro comemoramos o dia mundial do idoso. O Estatuto do Idoso foi uma grande conquista para Terceira Idade, que passou a ter seus direitos garantidos legalmente, principalmente saúde e transporte além de estabelecer parâmetros de convivência social e familiar. Vive-se cada vez mais e, em geral, com melhores condições.

A Terceira Idade quer se manter independente e relacionando-se bem com as novidades tecnológicas, que resultam em mais praticidade e melhoria de vida no dia a

dia. A inclusão digital da terceira idade é crescente, telefone celular, internet, e-mail e até redes sociais fazem parte do cotidiano de muitos idosos.

Não basta apenas envelhecer, é preciso que esse processo seja bem vivido e que chegando à fase da velhice tenhamos gosto pela vida. E um bom exemplo de programa voltado à terceira idade é a UNATI, que traz histórias de força e superação e acabam nos transformando dia a dia.

Aluna F: Hoje tenho que falar algo sobre minha velhice, não gosto de falar da minha vida em particular. Então vou escrever uma mensagem que recebi há algum tempo e que me agradou muito.

Contei meu tempo e descobri que tenho menos tempo para viver do que o que já vivi até aqui. Eu me sinto como aquela criança que ganhou um pacote de doces, o primeiro comeu com prazer, mas quando descobriu que havia poucos, começou a saboreá-los profundamente.

Já não tenho tempo para reuniões intermináveis em que são discutidos estatutos e regras, sabendo que nada será alcançado. E não tenho mais tempo para apoiar pessoas abusadas, que apesar da idade cronológica não cresceram. Meu tempo é curto para discutir títulos. Eu quero a essência!

Mario Quintana

Disponível em: https://www.ebiografia.com/mario_quintana/



Foto: <https://diariodorio.com/ediel-ribeiro-mario-quintana/>

Mario de Miranda Quintana nasceu na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul, no dia 30 de julho de 1906. Em 1919 mudou-se para Porto Alegre e ingressou no Colégio Militar, em regime de internato. Publicou os primeiros versos na revista literária dos alunos do Colégio Militar.

Em 1923 deixou O Colégio Militar e começou a trabalhar como atendente na livraria Globo, onde permaneceu durante três meses. Em 1925 retornou para Alegrete, onde passou a trabalhar na farmácia da família.

Em 1926, Mario Quintana ficou órfão de mãe. Nesse mesmo ano, se fixou em Porto Alegre. No ano seguinte, ficou órfão de pai.

Na época da Revolução de 1930, o jornal O Estado do Rio Grande, onde trabalhava, foi fechado e Mario Quintana partiu para o Rio de Janeiro, onde atuou como voluntário no 7.º Batalhão de Caçadores de Porto Alegre. Seis meses depois retornou para Porto Alegre e retomou o trabalho no jornal. Quintana também traduziu autores como Voltaire, Virginia Woolf e Emil Ludwig.

Em 1936, transferiu-se para a Livraria do Globo, onde trabalhou com Erico Veríssimo. Em 1940, Mario Quintana publicou o primeiro livro de sonetos: A Rua dos Cataventos, onde a poesia extraiu a musicalidade das palavras. A aceitação dos poemas dele levou vários sonetos a serem transcritos em antologias e livros escolares.

Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.

A primeira vez que me assassinaram? Alguém pode morrer mais de uma vez?
Por dentro sim!

Quando alguém que amamos trai a nossa confiança é como se morrêssemos um pouco a cada vez.

Por três vezes Mario Quintana tentou entrar para a Academia Brasileira de Letras. Jamais perdeu os acadêmicos pela recusa, considerando uma desfeita. Em agosto de 1966, Mário é saudado na sessão da academia e convidado a se candidatar pela quarta vez a uma vaga, mas Mario recusou o convite.

“Todos esses que aí estão
Atravancando o meu
caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!”

Uma das últimas poesias escritas por Quintana e que se tornou a mais popular delas, foi o Poeminha do Contra.

Mario Quintana, desde jovem, morava em hotéis. Foi hóspede do Hotel Majestic, no centro histórico de Porto Alegre, de 1968 até 1980. Desempregado, sem dinheiro, foi despejado e alojado no Hotel Royal, no quarto de propriedade do ex-jogador Paulo Roberto Falcão.

Mario nunca se casou nem teve filhos, embora tivesse fama de cortejar as mulheres. A poesia, embora considerada por ele como “um vício triste”, foi sua melhor companheira.

Mario Quintana faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 5 de maio de 1994, em consequência de insuficiência respiratória e cardíaca. O Hotel Majestic, onde Mario Quintana morou por 12 anos, foi transformado no centro cultural, “Casa de Cultura Mario Quintana”.



Foto: <https://vicentemana.com/2015/09/26/resolver-caminhando/>

Quem nunca cruzou com Mario Quintana na Rua da Praia? Quem nunca o viu sentado na Praça da Alfândega? Nós lembramos dele andando pela rua da Praia. Uma vez Bruna Lombardi estava sentada com ele na Praça da Alfândega.

Converse com um amigo a respeito, conte a ele sobre a sua lembrança e ouça a dele.

Frases de Mario Quintana e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Por acaso me surpreendo no espelho: quem é esse que me olha e é tão mais velho do que eu? Que me importa! Eu sou, ainda, aquele mesmo menino teimoso de sempre.”

Quem nunca se olhou no espelho e viu um rosto mais velho e não se sentia assim. A alma não envelhece nunca. Não importa a nossa aparência, por dentro nós não nos sentimos velhos. O corpo, às vezes, não acompanha mais, mas a alma permanece com o mesmo vigor da juventude.

“O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.”

É muito triste quando as pessoas agem como se os outros fossem responsáveis pelos nossos problemas, nos tratam com rispidez, mau humor. A amargura não resolve nossos problemas, só aumenta. Temos que tratar as outras pessoas com carinho. Ser amáveis com elas. Os problemas são nossos e elas não têm a ver com eles.

“De que eu mais tenho saudade? Eu tenho saudade de mim mesmo.”

Eu assisti uma entrevista com o poeta pouco tempo antes da morte dele. Perguntado sobre o que tinha mais saudade, ele respondeu: De mim mesmo. Somos nós lá atrás. Dá vontade de voltar um pouquinho pra reviver e rever amigos que já partiram.

Mary Shelley

Disponível em: https://www.ebiografia.com/mary_shelley/



Foto: encurtador.com.br/dtBIO

Mary Shelley (1797-1851) foi uma escritora inglesa, autora do romance *Frankenstein*, considerada a primeira ficção científica da literatura mundial. Apesar de nunca ter conhecido a mãe, que morreu 10 dias depois de Mary ter nascido, ela cresceu sabendo da existência da mãe (Mary Wollstonecraft) como uma das pioneiras do movimento feminista - autora de diversas obras, inclusive a “Defesa dos Direitos das Mulheres,” publicada em 1790.

A herança intelectual foi tamanha que parece ter percorrido as veias de Mary, que aos 10 anos de idade publicou o seu primeiro poema. Sua rica e informal educação vinha diretamente de seu pai, William Godwin, um filósofo, jornalista.

Em 1814, quando estava com 17 anos conheceu o poeta Percy Bysshe Shelley e logo se apaixonaram. Em junho desse mesmo ano, os dois fugiram para viverem juntos. Em 1816, a primeira esposa de Percy foi encontrada morta em um lago. Depois da morte misteriosa de Harriet, que nunca foi esclarecida, Percy e Mary se casaram. Nesse mesmo ano, passaram um feriado em Genebra, na Suíça. Estavam hospedados no mesmo hotel onde estava o poeta inglês Lord Byron. Após discutirem sobre teorias a respeito do sobrenatural veio a ideia de uma competição entre eles para ver quem

escreveria a melhor história de terror.

Percy Shelley era um dos seguidores políticos do pai de Mary. Godwin era completamente contrário ao envolvimento dos dois. Percy era um homem de 22 anos, casado e que vinha se afastando da esposa. Sem restar alternativas, Mary e a irmã adotiva, Claire, fugiram com Percy para a França. Assim que retornaram para a Inglaterra, Mary ficou grávida. Durante os dois anos seguintes, o casal enfrentou grandes dificuldades: o ostracismo, as dívidas e a morte prematura da filha.

Mary começou a escrever com 19 anos, a história que chamou de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*. De volta à Inglaterra completou a história. *Frankenstein* é a história de um jovem de 17 anos chamado Victor Frankenstein. Estudante de ciências naturais que construiu uma criatura horrenda, em seu laboratório. Ao despertar para o mundo, o monstro encontra dificuldades para viver com os humanos, pois é rejeitado por todos. Numa fuga, ele mata o irmão de seu criador Victor e incrimina a empregada Justine. O Frankenstein exige que Victor crie uma criatura do sexo feminino para acompanhá-lo, caso contrário, provocaria acontecimentos desastrosos.

Mary ficou grávida de Percy, seu filho teria nascido prematuro de 2 meses. A causa da morte foi evidente: Mary estava morando em um barraco perdido num pântano escabroso, e como não existiam pessoas perto para socorrer, a criança acabou morrendo de fome. Mary entrou em depressão pós-parto pela perda da criança, ficando tremendamente triste por perder sua pobre criatura. Sua depressão era tanta que tinha visões da criança durante todas as noites antes de dormir. Porém, simplesmente se esqueceu desse filho depois de ter engravidado pela segunda vez. Nessa época, Percy e Mary alugaram um chalé na Transilvânia, e não se sabe muito sobre sua vida durante esse período.

A ideia para Frankenstein surgiu em uma noite chuvosa de verão na Suíça, onde Mary Shelley passava férias ao lado de dois poetas ingleses: Percy Bysshe Shelley, seu futuro marido, e o célebre Lord Byron, locatário da residência onde o casal estava hospedado. Como os três estavam presos em casa em função da tempestade, Lord Byron sugeriu um passatempo. O poeta, ícone do Romantismo, desafiou cada um dos presentes a escrever uma história de fantasmas (e não poderia haver atmosfera mais adequada à temática!).

O título do livro é *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*. Prometeu é um

personagem da mitologia grega, um titã que, ao roubar o segredo do fogo, que era reservado aos deuses, para doá-lo à humanidade, é severamente punido por Zeus. O paralelo com a trajetória de Victor Frankenstein é direto, e o livro deixa claro que o segredo da criação da vida a partir de matéria inanimada é de natureza divina.

No romance, o jovem estudante de medicina Victor Frankenstein (que, na cultura popular, acaba por emprestar o nome ao monstro) dá vida a uma criatura a partir de cadáveres. O monstro, abandonado pelo criador, começa a assimilar os sentimentos humanos e a compreender a triste condição a que foi jogado no mundo, revoltando-se e perseguindo Frankenstein. Na terceira edição do livro, revisada e publicada em 1831, a autora agradece a Percy, que assina o primeiro prefácio que Frankenstein recebeu, por incentivá-la a desenvolver a história que nasceu naquela noite de tempestade. Duzentos anos depois, essa obra recheada de questionamentos morais nunca saiu de circulação e está imortalizada na literatura, no teatro e no cinema.

Frankenstein aborda diversos temas ao longo do texto, sendo o mais gritante a relação de criatura e criador, com óbvias implicações religiosas. Os temas que são abordados na obra: A amizade verdadeira. Preconceito, ingratidão e injustiça também estão presentes. A criatura é sempre julgada pela aparência, e agredida antes de ter uma chance de se defender. Em um episódio, o monstro salva uma garotinha inconsciente e, ao tentar devolvê-la para o pai, é baleado e acusado de tê-la agredido. A inveja também aparece, ao subverter os bons sentimentos iniciais do monstro.

Durante o século 18, médicos realizavam experiências bizarras em cadáveres. (Disponível em: <https://www.jornalciencia.com/durante-o-seculo-18-medicos-realizavam-experiencias-bizarras-em-cadaveres/>)

Em novembro de 1818, Andrew Ure, um químico escocês se encontrava ao lado do cadáver de um assassino que acabara de ser executado por força.

O químico segurava duas varas metálicas carregadas por uma bateria de 270 volts que eletrocutava o órgão enquanto o corpo convulsionava e se contorcia. O escocês era um dos muitos cientistas que nos séculos 18 e 19 conduziram experiências a partir de um método chamado galvanismo – estimulação dos músculos por meio de pulsos de correntes elétricas. O método produziu efeitos impressionantes, atraindo cada vez mais cientistas e artistas, e inspirou Mary Shelley a escrever sua obra-prima literária,

Frankenstein. Enquanto a maioria dos cientistas utilizava o galvanismo para procurar mais informações sobre a vida, Ure tinha a intenção de reanimar mortos.

A reanimação de corpos é muito comum hoje, mas todos sabemos que é preciso que o óbito tenha sido recente. O cérebro não pode passar muito tempo sem oxigênio. Naquela época, em 1818, a pesquisa era muito incipiente, como hoje é para nós a clonagem, que embora já tenha bastante estudo na área, ainda gera muitos filmes.

Você já assistiu ao filme *Fórmula da água*? O diretor Guillermo Del Toro ao receber o Oscar pela direção do filme, agradece Mary Shelley

“Quando penso em desistir”, afirmou no palco para o público da British Academy of Film and Television Awards em fevereiro, “penso nela”.

Guillermo Del Toro ao receber o Oscar por *Fórmula da Água* agradece Mary Shelley: “Ela deu voz aos que não têm voz, e presença aos que são invisíveis”, prosseguiu, “e me mostrou que, às vezes, para falar de monstros, precisamos fabricar os nossos próprios”. O realizador falava de Mary Shelley, a mulher por trás de *Frankenstein*, e nem era a primeira vez. A adaptação do romance - que Mary começou quando tinha apenas 18 anos - havia sido um projeto com o qual o diretor sonhara, e ele definiu a criação sem nome de Viktor Frankenstein como “o mais lindo e comovente” de todos os monstros.

Link da entrega do Oscar

<https://www.themarysue.com/del-toro-bafta-director-mary-shelley/>

Frases de Mary Shelley e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“Então vem sempre aquela voz me dizer que: O começo é sempre hoje.”

Ninguém pode voltar atrás e começar de novo, mas podemos começar hoje. Cada dia é uma nova chance de recomeçar.

“Nada contribui tanto para tranquilizar a mente quanto um propósito sólido - um ponto no qual se possa fixar a alma.”

Nós precisamos ter objetivos. Não apenas um, mas vários, enquanto um não dá certo, vamos seguindo com os outros. Assim, sempre, enquanto um objetivo não se concretiza, temos outros para nos deleitar.

“A poesia imortaliza tudo o que há de melhor e de mais belo no mundo.”

É o que estamos fazendo aqui. Imortalizando nossa história através da poesia desses autores. Na poesia deles encontramos explicação para sentimentos e angústias que não conseguimos definir. E compartilhando essa história com nossos colegas, há a ressignificação do que falamos.

“A vida se prende obstinadamente àquilo que mais odeia.”

Quando odiamos alguém ou alguma coisa, nós retemos isso no pensamento e parece que nada mais vai adiante. E quanto mais odiamos, mais obstinados ficamos. Por isso que a igreja e a psicologia falam que o perdão liberta. Liberta no sentido de libertar o teu pensamento daquilo que se odeia. Mas é algo a ser trabalhado.

“Para descobrir as causas da vida, temos de recorrer à morte.”

A morte é o fim da vida. Somente quando pensamos na morte, desejamos viver. Aqui tem também uma questão filosófica: viver não é apenas estar vivo. É muito mais que isso. Viver é amar, é aproveitar a vida e tudo que ela nos oferece.

“Nada, exceto o mutável, pode perdurar!”

Temos que acompanhar as mudanças do mundo. Quanta coisa já evoluiu e se nós não acompanharmos, ficaremos com a vida estagnada. Agora o exemplo dessa nova tecnologia. Muitos de nós não sabemos usar internet, por isso estamos aqui na UNATI.

Mary Shelley criou Frankenstein dos sonhos que tinha com o filho morto e de reportagens sobre reanimação de um corpo morto, coisa que hoje em dia é muito comum, mas na época estava começando a ser estudada. Todos nós temos momentos de difícil superação. Que fato da sua vida poderia ser transformado em uma história? Temos que aprender a fazer o nosso medo trabalhar a nosso favor.

Rachel de Queiroz (1910 – 2003)

Disponível em: https://www.ebiografia.com/rachel_queiroz/



Foto: <https://bitlybr.com/4JxP>

Rachel foi escritora, jornalista, tradutora e dramaturga brasileira. Ganhou diversos prêmios, dentre eles o “Prêmio Camões” (1993), sendo portanto, a primeira mulher a recebê-lo. Além disso, foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977.

Dada a importância para a literatura nacional, em 2003 foi inaugurado o “Centro Cultural Rachel de Queiroz” em Quixadá (CE), cidade em que Rachel viveu. Filha de intelectuais, o pai era advogado, Daniel de Queiroz Lima, e a mãe Clotilde Franklin de Queiroz, era descendente, pelo lado materno, dos Alencar (a bisavó materna era prima de José de Alencar).

Com apenas 15 anos de idade, formou-se professora em 1925. Lecionou História e, com 20 anos, em 1930, publicou o primeiro romance, *O Quinze*. Nessa obra, a escritora retrata a seca de 1915 no nordeste do país e a realidade dos retirantes nordestinos.

A obra foi bem recebida pelo público, *O Quinze*, foi agraciada com o prêmio da Fundação Graça Aranha.

Viveu parte da infância na capital do estado e parte, no interior, na fazenda dos pais. Depois da seca de 1915, que atingiu a propriedade familiar, mudou-se para o Rio de Janeiro onde ficou por pouco tempo, transferindo-se para o Belém do Pará. Em 1932, casou-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira, separando-se em 1939. No ano seguinte, casou-se novamente com o médico Oyama de Macedo, com quem permaneceu até o falecimento dele, em 1982.

Em 1992, escreveu o romance *Memorial de Maria Moura* que lhe conferiu o “Prêmio Camões”. Faleceu em casa aos 92 anos, no dia 4 de novembro de 2003, na cidade do Rio de Janeiro, descansando em uma rede. Rachel de Queiroz escreveu dos 19 aos 92 anos de idade, e a sua produção foi se alternando com o passar do tempo. Assim, existem diversas faces da escritora, o que depende da época observada.

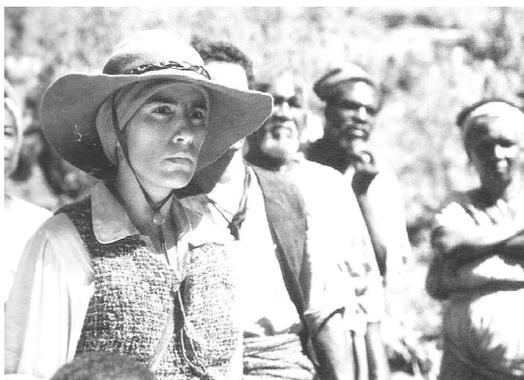


Foto: encurtador.com.br/dlu1S

No começo da carreira, nos romances *O Quinze* (1930) e *João Miguel* (1932), a autora alinha-se a escritores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, em uma escrita voltada para o regionalismo, denunciando a seca nordestina, a miséria, a desigualdade e a indiferença dos poderosos diante da penúria do povo.

O Quinze é o primeiro romance da escritora modernista Rachel de Queiroz. Publicada em 1930, a obra regionalista e social apresenta como tema central a seca de 1915 que assolou o nordeste do país. Rachel de Queiroz e sua família mudaram-se para o Rio de Janeiro com o intuito de fugir da seca.

No livro *João Miguel* temos a história de João Miguel e como ele foi parar na cadeia, o livro humaniza encarcerados ao mostrar o ponto de vista deles e por que estão presos.

Ao decidir escrever *Memorial de Maria Moura*, - imenso painel sem retoque de relações sociais, culturais, morais e afetivas entre personagens sábia e comovidamente delineadas, Rachel de Queiroz adotou um estilo narrativo em que muitas sequências se encontram montadas à maneira de uma telenovela. Tanto é desta forma que a obra foi adaptada para a televisão em uma minissérie.

Na obra são retomados alguns dos temas básicos de Rachel de Queiroz: o Nordeste problemático, a preocupação social, a força da autora como criadora de figuras femininas singulares. O romance é uma das narrativas mais marcantes da escritora, também cronista do Estado, e a trama situa-se em meados de 1850, no sertão. Misturam-se na narrativa todas as forças e fraquezas, todas as virtudes e defeitos da condição humana, desde o amor ao ódio, desde o crime ao remorso.

Frases de Rachel de Queiroz e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“A vida é uma tarefa que não pode ser dividida com ninguém.”

Viver é uma coisa que só nós podemos fazer. Tem muitas coisas que outras pessoas podem fazer por nós para nos mantermos vivos, mas isso não é viver, é depender. Se nós não nos aventurarmos, não vamos amadurecer, aprender, ser felizes.

“Doer, dói sempre. Só não dói depois de morto. Porque a vida toda é um doer.”

A vida é assim, se não dói, é porque não estamos vivendo. Mas nós vamos amadurecendo e ganhando anticorpos para as amarguras da vida. Com o passar do tempo

nós já aprendemos a não esperar muito dos outros. É assim com todos.

“Fala-se muito na crueldade e na bruteza do homem medievo. Mas o homem moderno será melhor?”

O homem medievo lutava por território, por mulheres, por liderança. Nós somos diferentes? Nós evoluímos nos apetrechos, mas será que nos humanizamos? O homem medievo matava para se alimentar, o homem moderno mata por matar, animais e pessoas.

“A vida sem sonhos é muitíssimo mais fácil. Sonhar custa caro. E não digo só em moeda corrente do País, mas daquilo que forma a própria substância dos sonhos.”

Verdade. Sonhos não custam só dinheiro, mas muita força e muita luta. Sonhos não se concretizam se nós não nos movimentarmos. E é o nosso movimento, a nossa força, a nossa luta que os sonhos se alimentam.

“A lembrança só dói quando fresca. Depois de curtida é um consolo.”

Enquanto estamos passando por algum problema, parece que não tem fim. Não vemos a hora de que tudo termine e possamos ficar livres. Mas depois a gente olha para trás e lembra o que passou, parece que foi tão rápido. E pensamos que estamos vivos. Só os vivos têm lutas.

“A piedade supõe uma condição de superioridade e a gente só pode se compadecer de quem sofre mais do que nós.”

Mas a superioridade não é só monetária, financeira. Muitas vezes a gente diz: só tem dinheiro e mais nada. Tem muito rico que é digno de piedade, porque não é feliz.

“Não estou aqui para que gostem de mim, estou aqui para aprender a gostar de cada detalhe do que tenho.”

Aprender a não se importar com o que os outros pensam de nós e ser felizes com o que temos. Esse é um grande demonstrativo de que amadurecemos e só então, seremos felizes. Não é possível nos realizarmos pessoalmente se vivermos nossa vida de acordo com os outros.

“O homem feliz é aquele que não tem passado.”

Temos que aprender a lidar com o nosso passado. Em uma das cenas do filme Uma Mente Brilhante, quando John Nash quer voltar a dar aulas na faculdade, o diretor pergunta a ele sobre as alucinações e Nash responde: São meu passado, todos somos assombrados pelo passado. O que ficou lá trás, não pode nos paralisar no presente.

Simões Lopes Neto

Disponível em: <https://www.ebiografia.com/busca.php?q=simoes+lopes+neto>



Foto: encurtador.com.br/gjqE2

Nascimento: 9 de março de 1865, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Falecimento: 14 de junho de 1916, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

João Simões Lopes Neto foi um escritor e empresário brasileiro. Segundo estudiosos e críticos de literatura, foi um dos maiores autores regionalistas do Rio Grande do Sul, pois procurou em sua produção literária valorizar a história e as tradições do gaúcho.

Nasceu em Pelotas, na estância da Graça, propriedade do avô paterno, o visconde da Graça. Era membro de uma tradicional família pelotense, e possuía ancestrais portugueses, tendo ambos os seus antepassados emigrado para o Brasil em busca de melhores condições de vida.

Simões Lopes Neto envolveu-se em uma série de iniciativas de negócios que incluíram uma fábrica de vidros e uma destilaria. Porém, os negócios fracassaram. Uma guerra civil no Rio Grande do Sul - a Revolução Federalista - abalou duramente a economia local. Depois disso, construiu uma fábrica de cigarros. A marca dos produtos, fumos e cigarros, recebeu o nome de “Diabo”, o que gerou protestos de religiosos. A

audácia empresarial levou-o ainda a montar uma firma para torrar e moer café, e desenvolveu uma fórmula à base de tabaco para combater sarna e carrapatos. Ele fundou ainda uma mineradora, para explorar prata em Santa Catarina.

Teve contato com a vida campeira somente durante a infância; aos 13 anos, ingressou no Colégio Abílio, no Rio de Janeiro, matriculando-se, posteriormente, na Faculdade de Medicina, que foi obrigado a abandonar no terceiro ano, porque já estaria gravemente enfermo. Em 1886, retornou a Pelotas, passando a levar uma vida essencialmente urbana, uma vez que a cidade se encontrava em constante urbanização, sendo um dos polos culturais importantes do Estado.

O interesse pelo resgate da cultura gaúcha e a linguagem regionalista utilizada nas obras levam-nos a crer que o autor faria o tipo “gaúcho tradicionalista”, porém os biógrafos afirmam que ele jamais vestiu uma bombacha e que os hábitos culturais dele eram urbanos. No dia 5 de maio de 1892, em Pelotas, Simões Lopes Neto casou-se com Francisca de Paula Meireles Leite, filha de Francisco Meireles Leite e Francisca Josefa Dias. Ele tinha vinte e sete anos de idade e ela, dezenove anos. Não tiveram filhos.

Desde que retornou a Pelotas, nunca mais se afastou da cidade natal, tendo uma atuação cultural muito importante na comunidade como colaborador ocasional do jornal *Diário Popular*, redator d’A opinião pública (pseudônimo João do Sul) e como editor do *Correio Mercantil*. Escreveu, também, muitas peças teatrais. Em 1912, publicou *Contos gauchescos*, obra que o notabilizou como um dos maiores escritores da literatura do Rio Grande do Sul. *Casos do Romualdo* foi publicado postumamente, em 1952.

Simões Lopes Neto só alcançou a glória literária postumamente, em especial após o lançamento da edição crítica de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, em 1949, organizada para a Editora Globo, por Augusto Meyer e com o decisivo apoio do editor Henrique Bertaso e de Erico Veríssimo.

Blau Nunes

Há pouco mais de 100 anos foi publicado *Contos Gauchescos*, reunião de narrativas curtas publicadas em vida pelo gaúcho João Simões Lopes Neto. Abrir este livro hoje e repisar os passos da narrativa proposta por Blau Nunes – espécie de parceiro de jornada do escritor – é viajar num tempo e linguagem que já não existem mais. A reunião de histórias intitulada *Contos Gauchescos* foi lançada originalmente em 1912.

Os contos giram em torno do relato de Blau Nunes, velho gaúcho vaqueano de 88 anos que serve como narrador para Simões Lopes Neto.

Genuíno tipo = crioulo – rio-grandense, era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

Ao longo das histórias, o estilo de vida do gaúcho vai sendo relatado. Estão lá os costumes da região da Campanha, tais como a tradição de diversão misturada ao trabalho (Correr equada), o costume do chimarrão e da boa conversa do gaúcho (O mate do João Cardoso), as histórias trágicas de amor (Os cabelos da china), a prática do contrabando de mercadorias desde o outro lado do rio (Contrabandista), as dívidas e acertos de conta (Deve um queijo), a tragédia moral (Trezentas onças), os grandes conflitos bélicos vividos pelo povo rio-grandense (Duelo de farrapos e O anjo da vitória), bem como os resquícios de um passado de valentia em nome de um amor (Negro Bonifácio) entre outros temas tão ricos socialmente.

Em todos esses contos a preocupação do autor foi retratar o regionalismo sem que com isso ficasse limitado somente ao estritamente regional, de tal modo que o conflito existencial do homem descrito por Simões Lopes Neto é um conflito de natureza universal.

E hoje temos uma chance de nos sentarmos e dedicarmos essas duas horas à leitura desses contos tomando um mate como se fizéssemos parte dessa história.



Foto: encurtador.com.br/jnoLT

O escritor está perpetuado em estátua na praça Coronel Pedro Osório. João Simões Lopes Neto só alcançou a glória literária postumamente.

Blau, ao narrar as histórias, distancia-se de nós, como se ele estivesse preso em um passado distante. Sua lembrança nos traz de volta a saudade de um passado que já não volta mais.

Blau representa o povo sul-rio-grandense como um todo, uma vez que, é através dele que a cultura e o folclore popular gaúcho são difundidos e divulgados.

Ficou estendida uma longa estrada de recordações, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.

Frases de Simões Lopes Neto e comentários feitos pelos alunos da UNATI em aula

“A maior pressa é a que se faz devagar.”

Quando estamos com pressa tudo dá errado. A melhor coisa a se fazer é se acalmar e fazer devagar, porque ganhamos tempo.

O gaúcho tem um dialeto, uma língua não oficial. Língua rica, cheia de gírias. *Contos gauchescos* mostra esse linguajar.

“Mais vale jeito que força!”

Tudo com jeito é mais fácil. O gaúcho fala muito que as pessoas são como cavalo, se montar do lado certo fica em cima, se montar do lado errado vai pro chão. Querendo dizer que temos que ter jeito, à força, não conseguimos nada.

“Face cor de pêssego maduro; com os dentes brancos e lustrosos dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju.”

O linguajar bem gauchesco, termos que só a gauchada fala desde guri, pois escutavam os pais e os avós falando nas rodas de conversa e chimarrão no fundo de quintal e na frente dos armazéns.

“Os dentes brancos e lustrosos dente de cachorro novo” Sabemos a idade de um cachorro olhando os dentes, quanto mais escuros, mais velhos.

A aula sobre Simões Lopes Neto sempre realizamos próximo ao 20 de setembro, data do orgulho gaúcho. Nós vamos pilchados (indumentária tradicional dos gaúchos). Vestidos assim, a caráter, mulheres de vestido de prenda e homens de Pilcha. O traje não é obrigatório, mas a maioria vai vestido. Levamos chimarrão e falamos sobre os gaúchos. Nossa aula foi reportada no jornal local, com muito orgulho.



Foto: Arquivo Pessoal



Foto: Capa Jornal Diário de Canoas 18/09/2019.

Sobre as oficinas

As oficinas *Literaturando a vida* foram realizadas de forma semanal. Uma vez por semana nos sentamos por duas horas para estudar uma Biografia e conversar a respeito da vida de cada um. Neste dia temos a oportunidade de falar e sermos ouvidos. Ecléa Bosi pondera “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação da identidade.” (BOSI, 2003, p. 16).

Meu objetivo ao escrever este livro foi dar ao leitor um vislumbre das aulas das oficinas da UNATI e ajudá-lo a ter uma nova visão sobre suas próprias memórias e convertê-las em força para continuar a viver. As biografias despertam lembranças e trazem com elas histórias fascinantes, apaixonantes e muito inspiradoras. As frases nos levam a refletir sobre a vida e na troca de experiências há uma ressignificação de vida. Às vezes não encontramos as respostas em nós mesmos, achamos nossas respostas em outras pessoas e descobrimos que somos a resposta para alguém e como um grande quebra-cabeça vamos nos encaixando e formando um novo painel com uma nova história. Faço votos que ao ler estas páginas você possa ter esse sentimento e saiba que não está sozinho.

Referências

ASSMANN, Aleida. “**Espaços da Recordação: Formas e transformações da memória cultural**”. 2 ed. Campinas, S.P.: Editora Unicamp, 2011

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo. Editora Contexto. 2011

FRAZÃO, Dilva. **eBiografia**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/> Acesso em: 29 maio 2021

FRAZÃO, Dilva. **Pensador**. Disponível em: <https://www.pensador.com/> Acesso em: 29 maio 2021

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

SABBI, Deroni. **Ressignificando a vida**. Revista online administradores.com, café.com.adm. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/ressignificando-a-vida>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B5911 Biffi, Magali Regina.

Literaturando a vida : memória e ressignificação de vida na velhice em essências biográficas / Magali Regina Biffi. – Canoas, RS : Ed. do Autor, 2021.

70 p. : il.

Livro apresentado como produto da dissertação de mestrado da autora no Curso de Memória Social e Bens Culturais – Universidade La Salle, Canoas, 2021.

1. Biografia. 2. Terceira idade. 3. Ressignificação de vida. 4. UNATI.
I. Título.

CDU: 929-053.9



MAGALI REGINA BIFFI – é graduada em Letras –
Português/Literatura – pela Universidade La Salle (Canoas.
RS), Mestre em Memória Social no PPG de Memória
Social e Bens Culturais e professora voluntária na UNATI
(Universidade Aberta da Terceira Idade) na Unilasalle